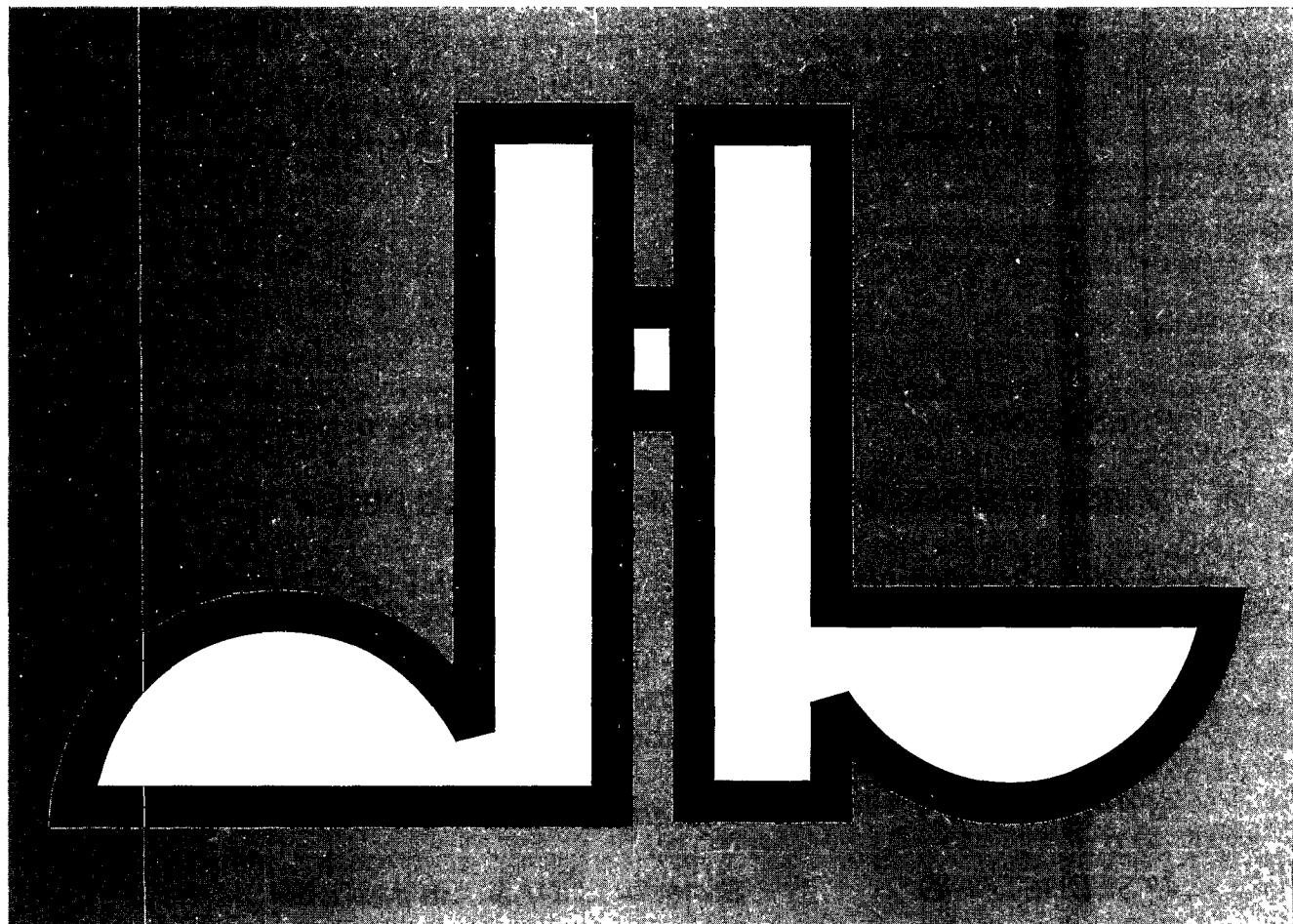


14



República Federativa do Brasil



**DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
SESSÃO CONJUNTA**

MESA DO CONGRESSO NACIONAL

PRESIDENTE **Senador JOSÉ SARNEY**

1º VICE-PRESIDENTE **Deputado RONALDO PERIM**

2º VICE-PRESIDENTE **Senador JÚLIO CAMPOS**

1º SECRETÁRIO **Deputado WILSON CAMPOS**

2º SECRETÁRIO **Senador RENAN CALHEIROS**

3º SECRETÁRIO **Deputado BENEDITO DOMINGOS**

4º SECRETÁRIO **Senador ERNANDES AMORIM**

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 – ATA DA 7^a SESSÃO CONJUNTA, SOLENE, EM 11 DE ABRIL DE 1996	
1.1 – ABERTURA	
1.1 – Finalidade da sessão	
Destinada a homenagear o centenário de nascimento do engenheiro Israel Pinheiro, primeiro Prefeito de Brasília.....	04709
1.1.2 – Oradores:	
Deputado Edson Soares	04709

Senador José Roberto Arruda.....	04714
Deputado Bonifácio de Andrada.....	04716
Governador Cristovam Buarque	04717
Governador José Eduardo Azeredo.....	04718
1.1.3 – Fala da Presidência	
1.2 – ENCERRAMENTO	
2 – MESA DO CONGRESSO NACIONAL	
3 – COMISSÃO MISTA DE PLANOS, ORÇAMENTOS PÚBLICOS E FISCALIZAÇÃO	

Ata da 7^a Sessão Conjunta Solene, em 11 de abril de 1996

2^a Sessão Legislativa Ordinária, da 50^a Legislatura
Presidência do Sr. José Sarney

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Declaro aberta a sessão solene destinada a homenagear o centenário de nascimento do Dr. Israel Pinheiro, primeiro Prefeito de Brasília e um dos maiores homens públicos deste País.

Convidado o Governador de Brasília, Dr. Cristovam Buarque; o Governador de Minas Gerais, Eduardo Azeredo; o Deputado Israel Pinheiro Filho e o Ministro Israel Vargas, de Minas Gerais, a comporem a Mesa. (Pausa.)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Concedo a palavra ao nobre Deputado Edson Soares, que falará em nome da Câmara dos Deputados.

O SR. EDSON SOARES (PSDB – MG. Pronuncia o seguinte discurso.) – Exm^o Sr. Senador José Sarney, Presidente do Congresso Nacional; Exm^o Sr. Governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque; Exm^o Sr. Ministro Israel Vargas; Exm^o Sr. Deputado Federal, Israel Pinheiro Filho; Sr^{as} e Srs. Senadores; Sr^{as} e Srs. Deputados, minhas senhoras, meus senhores, quem quer que se debruce sobre a vida e a obra de Israel Pinheiro da Silva, verificará, de pronto, que tem diante de si, delineado de forma inconfundível, o perfil de um verdadeiro estadista. De fato, como bem salientou André Carvalho, na apresentação da obra **O Engenheiro da Utopia: Israel Pinheiro e seu tempo**, da autoria dos irmãos jornalistas Kao e Sebastião Martins:

Se estadista é o político capaz de analisar corretamente a realidade, para compreendê-la e transformá-la, com visão própria e sensível dos interesses nacionais, isenta de preconceitos ideológicos e aberta para o diálogo com a sociedade, então tivemos neste século um homem público que preencheu todas essas condições: Israel Pinheiro da Silva."

O título da obra é bastante sugestivo, pois a capacidade de construir e dar vida a utopias – conciliando o sonho com a realidade – parece ter sido a vocação maior de Israel Pinheiro, a predestinação de sua vida como administrador, político e homem público.

Seu pai, o grande pensador político João Pinheiro, exerceu influência preponderante na formação do seu caráter e da sua visão histórica da vida pública mineira; dele, Israel Pinheiro herdou o caráter sem jaça e o sentido de austeridade, probidade, competência e dignidade que, no espaço de sua vida terrena, lhe serviu de baliza no exercício da atividade política e no trato da coisa pública.

O seu ingresso no mundo político deu-se em 1923, quando foi eleito Vereador em Caeté, Minas Gerais: foi, mais tarde, Presidente da Câmara Municipal e, como tal, Agente Executivo, cargo que naquela época correspondia ao de Prefeito, com-

petindo-lhe, portanto, administrar o Município. Israel Pinheiro tinha então apenas 26 anos de idade.

Foi a partir do ambiente de fermentação política e de inquietação social característico desse período histórico, que o jovem Vereador e Agente Executivo de Caeté demonstrou extrapolar o seu tempo e a sua circunstância, aglutinando, com uma arguta visão prospectiva da realidade brasileira, tanto o ideário do agrarismo como o do industrialismo, na busca de uma solução modernizadora para o desenvolvimento do País, algo que representasse a confluência dessas vertentes antagônicas. Talvez tenha nascido daí, dessa época de turbulência – tanto quanto dos atributos atávicos herdados de João Pinheiro – a sua aversão profunda por toda e qualquer forma de ideologia, a rejeição de qualquer radicalismo, a permanente defesa do entendimento e da tolerância, que seriam, pela vida afora, os traços mais marcantes de sua personalidade política e de sua atuação como homem público.

Foi no Congresso das Municipalidades, realizado em Belo Horizonte, nos idos de 1928, que Israel Pinheiro fez a sua primeira aparição política no cenário nacional, negando-se a cooptar, com o seu voto, a candidatura de Washington Luís à Presidência da República, numa eleição a bico-de-pena, seguida do loteamento despudorado de cargos e funções públicas entre os oligarcas do poder. É o jornalista Assis Chateaubriand quem descreve o episódio, com a sua proverbial contundência:

"Em Minas, reunia-se uma convenção municipal de prefeitos destinada a homologar a indicação do Sr. Washington pelo Sr. Artur Bernardas. A carneirada esteve à altura da missão. Mas, em dado momento, ergue-se o Chefe do Executivo do Município de Caeté, terra de João Pinheiro. Era o próprio filho do inolvidável republicano que ia, com a bravura do gesto, resgatar a honra de Minas e afirmar o sangue paterno. Votou sozinho, aberta e ostensivamente, contra o candidato oficial."

A Revolução de 1930, embora liderada em Minas por figuras políticas tradicionais, como Antônio Carlos, Bernardes e Olegário Maciel, trazia, no seu bojo, um apelo de esperança e de renovação, que encantou as jovens lideranças emergentes: Israel Pinheiro, como tantos outros, rendeu-se ao canto da sereia e engajou-se por inteiro em suas fileiras. Um mês depois, no dia 3 de novembro de 1930, quando Getúlio Vargas, à frente da Revolução vitoriosa, e

como Chefe do Governo Provisório da República, prometeu combater a corrupção, difundir o ensino público, reformar o sistema eleitoral e garantir o voto, promover a extinção do latifúndio e desenvolver a agricultura, entre muitas outras providências inadiáveis – em suma, tudo aquilo que os presidentes eleitos costumam prometer, nas primícias da posse –, Israel Pinheiro, que conhecera as asperezas e artimanhas da política na República Velha, deixou-se levar pelo entusiasmo e acreditou nas boas intenções do novo Governo.

Assim é que, quando chegou o momento de formar o Conselho Consultivo do Estado de Minas – invenção de Getúlio para substituir as assembléias legislativas – Olegário Maciel resolveu prestigiar também as novas lideranças políticas, e Israel Pinheiro foi escolhido como um dos membros do Conselho, tornando-se logo depois presidente do órgão, no qual se tornou defensor intransigente e incentivador da agricultura.

Três anos mais tarde, Israel Pinheiro assumiu as funções de Secretário de Agricultura, Viação e Obras Públicas do Estado de Minas Gerais, a convite de Benedito Valadares, recém-nomeado interventor do Estado por Getúlio Vargas. No seu discurso de posse, Israel Pinheiro fez uma profissão de fé política, ao declarar:

"A legítima política, no verdadeiro sentido da palavra, só pode ser estável quando construída sobre bases econômicas. E aqui, justamente, terei que trabalhar para o desenvolvimento da economia do nosso Estado, com a oportunidade de, nesta diretriz, continuar, dentro das minhas forças, a execução do programa delineado por meu pai, mas que as circunstâncias da vida lhe permitiram apenas iniciar."

O tempo se encarregou de demonstrar que essas palavras simples, longe de serem apenas uma expressão de retórica vazia, representaram na verdade a sua plataforma de ação e o conteúdo programático de toda a sua atividade política e administrativa.

O estilo de Israel Pinheiro – franco, objetivo, severo – já era registrado, com admiração, pela imprensa da época, e não faltava quem o considerasse o exemplo acabado do estadista moderno, em franca trajetória ascensional. Emérito planejador e realizador, a um tempo audacioso e criativo, foi ele o autor do primeiro Plano de Desenvolvimento Econômico, integrado e abrangente, que se fez em Minas Gerais.

Já na apresentação do Plano, Israel revela-se adversário declarado das soluções monetaristas, que combateria durante toda a vida, e propõe o estímulo à produção como estratégia para superar os problemas econômicos de Minas e do País:

"Provocar a escassez do meio circulante e a depressão econômica só irá agravar ainda mais a crise que estamos vivendo, disse ele, e a História provou que tinha razão."

Nesse período fértil em realizações, que se estende até 1942, quando, convocado por Getúlio Vargas, assume a presidência da Companhia Vale do Rio Doce, Israel Pinheiro deixou por todo o Estado as marcas indeléveis de sua atuação: a construção da Feira Permanente de Amostras, antigo sonho de João Pinheiro; a construção da primeira Estação Rodoviária do Brasil; a criação da Rádio Inconfidência; a fundação da Escola Agrícola Cândido Tostes; a construção da estância hidromineral de Araxá, um passo decisivo para a dinamização do turismo em Minas; a construção da Penitenciária Agrícola de Neves, inovando o sistema carcerário do Brasil; a construção da Cidade Industrial Juventino Dias, nas proximidades de Belo Horizonte; a instalação da Fazenda-Escola de Florestal; enfim, um magnífico rol de obras realizadas, do qual extraímos apenas alguns exemplos respiados a esmo:

O dinamismo de Israel Pinheiro e a sua excelente formação técnica, como engenheiro civil e de minas, fizeram dele o homem talhado para a gigantesca tarefa de organizar e pôr em funcionamento a Companhia Vale do Rio Doce, com o objetivo de colaborar com a causa dos aliados e exportar minério para os Estados Unidos. A atividade febril de Israel Pinheiro, que parecia ter o dom da ubicuidade, extraiu do jornalista Lima Figueiredo este comentário entusiasmado, em reportagem publicada em **O Jornal**, do Rio de Janeiro:

"Não poderia o Governo escolher melhor cabeça para executar tão bela obra-prima. Israel bem reflete em todos os seus atos o dinamismo, a visão e a inteligência de João Pinheiro, o administrador de imarcável memória."

Sob o comando de Israel Pinheiro, a empresa transformou a paisagem econômica e social da região do Vale do Rio Doce: houve um grande surto das atividades agrícolas, a par da implantação de medidas de saneamento básico e de dinamização do comércio.

Após mais de três anos como presidente da Companhia, e convencido de que já cumprira o seu papel, Israel deixa-se envolver mais uma vez pelo fascínio da política: funda – ao lado de companheiros famosos, como Benedito Valadares, Juscelino Kubitschek, Luiz Martins Soares, Pedro Dutra, Carlos Luz, João Henrique, Gustavo Capanema, Cristiano Machado, José Maria Alkimim e Bias Fortes – o Partido Social Democrático (PSD), e, em dezembro de 1945, é eleito Deputado Federal, com expressiva votação. Como parlamentar, teve, desde o início, participação destacada nos trabalhos e debates da Assembléia Nacional Constituinte, onde defendeu, com ardor, a desapropriação de terras e seu aproveitamento na agricultura; a organização de núcleos coloniais, como forma mais eficiente de proporcionar educação, saúde, meios de transporte e assistência técnica às populações rurais; o ingresso de capitais estrangeiros de investimentos; a intervenção do Estado, como um remédio corretivo dos males do enriquecimento desordenado que a livre concorrência produziu, criando desajustamentos sociais indesejáveis.

Numa visão premonitória dos problemas ecológicos que a humanidade haveria em breve de enfrentar, Israel procurou mostrar a necessidade de conservação, recuperação e desenvolvimento das riquezas naturais do País, pregando, com voz profética:

"As gerações atuais têm o dever de contribuir com uma pequena parcela de sacrifícios, para que as gerações futuras não se lastimem dos desperdícios e da ineficiência, com que exploramos os recursos naturais de que dispomos."

A atuação do Deputado Israel Pinheiro na Câmara dos Deputados, entre 1946 e 1956, foi marcada, precipuamente, por suas intervenções nos debates sobre os grandes temas econômicos da década, como a criação da Petrobrás, a mudança da Capital Federal e a criação de planos de desenvolvimento regionais. Sua lúcida visão prospectiva e sua análise dos problemas econômicos brasileiros têm, ainda hoje, uma chocante atualidade. Na matriz do seu pensamento econômico está a idéia de que o desenvolvimento do País se faz com o fortalecimento da iniciativa privada, e que o Estado só deve intervir em setores vitais, como saúde e educação.

Em 1951, Israel Pinheiro assume a Presidência da então poderosa Comissão de Finanças da Câmara dos Deputados, onde permanece até outubro de

1956, quando renuncia ao mandato de Deputado Federal para comandar as obras da construção de Brasília, atendendo ao chamamento de Juscelino Kubitschek.

Os inúmeros relatórios que produziu sobre a situação econômica e financeira do País constituem, talvez, o núcleo mais importante da intensa atuação parlamentar de Israel Pinheiro. É bastante pertinente o comentário do Prof. Alisson Vaz Pinheiro, quando afirma:

"É através desses relatórios, onde ele analisa com critério e acuidade a situação do País, fazendo uma crítica cuidadosa e propondo soluções que julga indispensáveis para um melhor funcionamento do sistema como um todo, que Israel Pinheiro se afirma no plano nacional como um deputado muito mais voltado para o problema estrutural de nossa economia, e, consequentemente, de nosso desenvolvimento econômico, do que como um político voltado para os problemas de sua região eleitoral, ou seja, preocupado com a sua sobrevivência parlamentar."

Em todos os seus anos de atividade parlamentar, Israel Pinheiro combateu ardorosamente a idéia de que a recessão, a queda da atividade econômica, pudesse solucionar os problemas brasileiros. Segundo o seu entendimento, o crescimento desordenado, o êxodo rural, os desequilíbrios sociais e regionais de renda e o fantasma da inflação só seriam superados quando o País adotasse um planejamento global, com prioridade para a produção de alimentos e a implantação de novas indústrias. A sua voz se ergue para denunciar, com desassombro, o doloroso contraste entre a vida no interior e a civilização das cidades litorâneas e, mais uma vez, as suas palavras soam estranhamente atuais:

"A fim de prevenir os males do enriquecimento e estabelecer a justiça social, o Brasil adotou a legislação social trabalhista mais avançada do mundo. Não nos podemos esquecer, contudo, de que também têm direito à justiça os trinta milhões de brasileiros que vivem explorados pela civilização litorânea, com padrão de vida inferior ao das massas trabalhadoras do litoral."

Planejador meticoloso, Israel Pinheiro sempre combateu a improvisação, as soluções imediatistas, as medidas meramente paliativas que mascaram as crises e aprofundam os males. Sempre colocou, de maneira clara e objetiva, sua posição em relação ao

desenvolvimento nacional, afirmando que o futuro regime que governará as nações livres deverá ter por base uma democracia social: democracia política e socialismo econômico.

Quando, em 1956, o Presidente Juscelino Kubitschek resolveu dar início à construção de Brasília, o escolhido para dar forma e vida ao grande projeto de mudança da Capital não poderia ser outro senão o engenheiro da utopia, aquele que, tantas vezes, na tribuna, nos debates parlamentares e nos pareceres técnicos das comissões, fora um dos primeiros defensores da idéia de interiorização do centro decisório do poder, onde deveriam se assentar os alicerces do engrandecimento da Nação. No seu discurso de renúncia ao mandato de Deputado Federal, pronunciado em 4 de outubro de 1956, Israel Pinheiro afirma, peremptoriamente:

"Estou convicto de que só podemos ordenar esse engrandecimento e evitar os graves tropeços e perigosas convulsões que vêm caracterizando a nossa evolução, se afastarmos a sede do governo da República deste ambiente tumultuário, onde as pressões financeiras, as ambições desatadas e as paixões políticas estão quase a impedir o exercício das virtudes básicas de cooperação, transigência, tolerância e despreendimento, indispensáveis ao aprimoramento do regime democrático e à consolidação da economia nacional."

Emocionado, Israel conclui o seu discurso afirmado:

"Sigo para uma luta maior a serviço do mesmo ideal, com maiores poderes, maiores responsabilidades e – bem o seu – maiores dificuldades. Volto ao interior para procurar implantar, bem no centro do País, e bem profundas, as raízes de uma nova civilização brasileira."

Aplaudido de pé por todos os companheiros, Israel Pinheiro deixa, pela última vez, o plenário da Câmara, e vai em busca do seu sonho.

Embora o tempo decorrido ainda seja pouco para o veredicto definitivo da História, hoje já se pode afirmar que Juscelino Kubitschek não poderia ter sido mais afortunado em sua escolha. A construção de Brasília em pouco mais de três anos e dez meses representou um desafio que poucos engenheiros e administradores teriam tido a coragem de enfrentar. O jornalista Otto Lara Rezende, autor de tantas frases felizes, escreveu certa vez que Brasília

foi produto de uma conjunção rara de quatro loucuras: Juscelino, Israel, Niemeyer e Lúcio Costa.

O ritmo de construção da nova Capital era alucinante, e até os mais acérrimos críticos do projeto deixavam-se contagiar pelo clima de otimismo e pela euforia que reinava nos canteiros de obras. Era como uma miragem no deserto, que aos poucos fosse se materializando e tomando a forma de uma grande ave com as asas espalmadas sobre a solidão infinita do cerrado; algo surgido do nada, da respiração ofegante dos pioneiros, da força de vontade e da crença um tanto alucinada dos que se deixaram embalar pelos ventos alvissareiros que sopravam no Planalto.

Quando, no dia 20 de abril de 1960, véspera da inauguração oficial da cidade, Israel Pinheiro entregou ao Presidente Juscelino Kubitschek a chave simbólica da nova Capital, este, num discurso vibrante, saudou-o com as seguintes palavras:

"À vossa frente situa-se o capitão da epopéia, esse incansável Israel Pinheiro, que abandonou o conforto, a posição política, para dedicar-se de corpo e alma ao que parecia uma aventura, ao que ontem constituía um risco e é hoje um triunfo."

A construção de Brasília não foi, na verdade, uma aventura que deu certo, um lance fortuito do destino, numa época em que a humanidade, imersa nas incertezas da guerra fria, parecia descerer do seu próprio futuro. Foi o escritor André Malraux quem melhor captou o espírito de Brasília, ao denominá-la a Capital da esperança: por ter sido construída numa fase de imenso desânimo universal, Brasília passou a simbolizar a crença renovada nos destinos do homem. Para o próprio Israel Pinheiro, o espírito de Brasília era a síntese de

"tudo que se antepõe ao derrotismo sistemático, à esterilidade do negativismo e à incapacidade dos que confiam ao futuro, num perpétuo adiamento, obras inadiáveis que não querem ou não podem empreender."

Após a inauguração da Capital, Juscelino Kubitschek nomeou Israel Prefeito de Brasília, e o seu último ato, ao passar o Governo ao novo Presidente Jânio Quadros, no dia 31 de janeiro de 1961, foi exonerá-lo do cargo – sem dúvida fê-lo a contragosto, como quem executa uma cerimônia marga de despedida.

Vencida a batalha e chegada ao fim a grande epopéia, o destino ainda reservava a Israel Pinheiro a concretização daquilo que talvez fosse o sonho

maior de sua vida: o Governo do Estado de Minas Gerais, onde pudesse dar continuidade à obra iniciada por seu pai, João Pinheiro, que por duas vezes fora Governador do Estado. Eleito Governador em 3 de outubro de 1965 – num dos períodos mais sombrios de nossa História, em que a Nação inteira se sentia sufocada sob o peso da opressão e do arbítrio –, Israel tomou posse do cargo em 31 de janeiro de 1966, usando a mesma caneta que o pai usara em 1906, ao assumir pela segunda vez o Governo de Minas.

Apesar dos percalços, críticas e pressões quase insuportáveis, próprias dos regimes de exceção, Israel Pinheiro, fiel ao seu sonho, realizou em Minas Gerais um excelente governo, pontilhado de iniciativas notáveis, como a criação do Instituto de Desenvolvimento Industrial (INDI), a criação da Fundação João Pinheiro, a ampliação e fortalecimento do BDMG, a multiplicação das estradas de rodagem, o aumento extraordinário da produção de energia elétrica, o incremento da educação pública, o desbravamento produtivo do cerrado, e tantas outras obras duradouras, tudo isso realizado sem alarde e sem toque de trombetas, como convém a um político mineiro.

O Sr. Bonifácio de Andrade – Nobre Deputado, V. Ex^a me concede um aparte?

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Deputado Bonifácio de Andrade, peço desculpas a V. Ex^a, mas de acordo com o nosso Regimento, nas sessões solenes, não são permitidos apartes.

O Sr. Bonifácio Andrade – Sr. Presidente, que fique registrado o meu pedido de aparte.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Deputado, a ata o registrará.

O SR. EDSON SOARES – Lamento que o Regimento não o permita, pois tenho absoluta convicção de que o aparte de V. Ex^a, Deputado Bonifácio de Andrade, enriqueceria fortemente a minha modesta contribuição ao resgate da memória de um dos homens mais importantes do País e de Minas Gerais.

As suas palavras de despedida, ao transmitir o Governo de Minas ao seu legítimo sucessor, em 15 de março de 1971, soaram como um testamento político e uma verdadeira aula de democracia a todos os homens públicos deste País:

"Um dos princípios que mais concordem para a grandeza do sistema democrático representativo é o da transitoriedade dos mandatos.

Atuei com humildade e paciência, pela palavra e pelo exemplo, no sentido de conciliar as divergências, procurando converter as antigas e intolerantes lutas nos municípios em legítimas e tranquílias competições cívicas.

Valeram-me, em tal oportunidade, as características do meu temperamento e formação, o sentido da minha experiência e, sobretudo, as lições hauridas na filosofia política e no paradigma da vida política de meu pai, João Pinheiro, ensinando-nos que mais não somos, na realidade, que operários efêmeros ao serviço permanente da pátria.

Quero finalizar, congratulando-me com todos os familiares e amigos de Israel Pinheiro pela passagem dos 100 anos do seu nascimento e em especial ao Deputado Federal que hoje ocupa a Secretaria de Obras Civis no Governo de Minas Gerais, Israel Filho, que engenheiro tal o pai, dinâmico, líder político, segue de forma brilhante sua trajetória política e empreendedora.

Era o que tinha a dizer.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Quero dizer ao Deputado José Bonifácio de Andrada que, embora o Regimento não permita apartes, se V. Ex^a desejar usar da palavra, a Mesa o inscreverá para falar depois do segundo orador.

O SR. BONIFÁCIO DE ANDRADA – Sr. Presidente, V. Ex^a está sendo tão distinto com este seu modesto colega de Congresso Nacional que aceito perfeitamente a deferência que V. Ex^a me concede.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – V. Ex^a está inscrito como orador, para falar após o orador do Senado Federal.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Concedo a palavra ao Senador José Roberto Arruda, que falará em nome do Senado Federal.

O SR. JOSÉ ROBERTO ARRUDA (PSDB – DF. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente do Senado e do Congresso Nacional, Senador José Sarney; Sr. Governador do Distrito Federal, Prof. Cristovam Buarque; Sr. Ministro Israel Vargas, que, além de ser mineiro, ainda é Israel, não menos mineiro e não menos Israel; Deputado e Secretário de Obras Israel Pinheiro Filho, peço licença aos Srs. Senadores presentes para cumprimentá-los todos, citando aqui os Senadores Francelino Pereira, Arlindo Porto e Júnia Marise, que representam Minas Gerais nesta Casa, a Sr^a Deputada Márcia Kubitschek, em nome

de quem cumprimento toda a família Kubitschek, Srs. Deputados Federais, pioneiros de Brasília aqui presentes, demais autoridades, senhoras e senhores, esta não é apenas uma sessão solene em homenagem ao mineiro de Caetés, filho de João Pinheiro, filho do Deputado João Pinheiro, filho do Senador João Pinheiro, filho do Governador do Estado de Minas, João Pinheiro. E também não é apenas uma homenagem ao ex-Deputado, ao construtor de Brasília, ao ex-Governador de Minas, Israel Pinheiro. Esta é uma sessão em que se presta uma homenagem a Minas e a Brasília. E é também uma sessão que nos convida a todos a uma reflexão sobre páginas importantes do passado recente da História brasileira que nos servem de lição para o momento que vivemos e para o futuro que desejamos construir.

Não vou aqui lembrar toda a história de vida pública de Israel Pinheiro, até porque o orador que me antecedeu – e falou em nome da Câmara dos Deputados – já o fez brilhantemente. Desejo apenas dizer que Israel Pinheiro, em 1942, foi convidado por Getúlio Vargas para ser o primeiro Presidente da Companhia Vale do Rio Doce, cargo que exerceu de 1942 a 1945. E então já demonstrava que tinha aprendido bem as lições práticas da Escola de Minas de Ouro Preto, que tinha amor pela interiorização do desenvolvimento. Ele marcava, naqueles três anos como primeiro Presidente da Vale do Rio Doce, na prática, uma forma diferente de gerenciar a coisa pública. Esse mesmo Israel Pinheiro vai, como Deputado Federal à Constituinte de 1946. Fica na Câmara dos Deputados por dois mandatos consecutivos. E ele, que já havia demonstrado à opinião pública brasileira a sua capacidade empreendedora e a sua capacidade gerencial revela, na Assembléia Constituinte e na Câmara dos Deputados, que pensava sobre o País, já naquele momento, com rara atualidade, se revistos os seus pensamentos e a sua vida parlamentar nos dias de hoje.

Mas, quando o Presidente Juscelino Kubitschek decide construir Brasília e, a partir de Brasília, interiorizar o desenvolvimento, convoca outra vez Israel Pinheiro, já àquela altura um homem público testado tanto na vida parlamentar como na vida administrativa, para comandar a missão de transferência da Capital.

Sr. Presidente e senhores componentes da Mesa, pouco antes de entrar neste plenário, um pioneiro de Brasília, o único daquela primeira diretoria da Novacap, que está fisicamente aqui entre nós, me mostrava esta fotografia: Israel Pinheiro está em cima de um jipe, ao lado de Ernesto Silva, que nos honra com a sua presença e em nome de quem

cumprimento todos que construíram esta cidade. Fico imaginando os dias que eles viveram. Fico imaginando até mesmo o que se passava na cabeça daqueles homens, que, nesta fotografia, viam o esqueleto ainda do Palácio da Alvorada, com Israel Pinheiro à frente. Fico imaginando essas coisas que hoje são causos mineiros ou são histórias de Brasília. Um exemplo é aquela que D. Coraci nos conta. Diz ela que na primeira vez que veio a Brasília, antes de o avião descer numa pequena pista de pouso que existia ao lado do Catetinho – e só existia, então, o Catetinho, aquele campo de pouso e um pequeno escritório de madeira da PANAIR – mais ou menos às dezoito horas, depois de sobrevoar a região do cerrado, ela não se conteve e disse: "Vocês são dois loucos, você, Israel, e o Juscelino."

Aqueles brasileiros tiveram a coragem de entender que, nos 450 anos transcorridos desde o seu descobrimento, o Brasil tinha sido litorâneo nos aspectos econômicos e demográfico e que era preciso, mais do que construir uma nova Capital, interiorizar, através dela, o desenvolvimento nacional.

Nesse ponto, Otto Lara Resende efetivamente tem razão. O Brasil teve a felicidade de ver coincidir a passagem de homens e de inteligências pela Terra num mesmo momento histórico. Juntou-se a ousadia de Juscelino Kubitschek à capacidade administrativa e gerencial de Israel Pinheiro e à genialidade de Oscar Niemeyer e de Lúcio Costa.

Essas vontades unidas sensibilizaram a Nação brasileira. E o País todo, na década de 50, emocionou-se. O Brasil todo compreendeu aquela mensagem. O Brasil todo viveu um momento psicológico fantástico porque entendia que àquela geração cabia a ousadia e o privilégio de acordar o País que, durante 450 anos, havia ficado de costas para o seu próprio território, a olhar o Oceano Atlântico, com saudade, talvez, das caravelas portuguesas ou com medo de enfrentar as primeiras montanhas de Minas, depois, o cerrado, o Pantanal e a Amazônia.

A Nação brasileira, em meados deste século, ficou orgulhosa de alguns brasileiros que se juntaram e tiveram a coragem de vir para o cerrado, de fazer aqui as primeiras obras, de cruzar o Eixo Monumental com o Eixo Rodoviário Sul, como num sinal da cruz e começar a implantação de – mais do que uma nova Capital – uma nova civilização.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Senador José Roberto Arruda, peço perdão por interromper V. Ex^a. Convidado o Sr. Governador do Estado de Minas Gerais, Eduardo Azeredo, a compor a Mesa dos nossos trabalhos. (Palmas.)

O SR. JOSÉ ROBERTO ARRUDA – Já com a presença do Governador de Minas Gerais, Eduardo Azeredo, ele próprio filho dessa tradição mineira, responsável maior pela construção de Brasília, devo dizer que, neste momento, celebramos não apenas o centenário de Israel Pinheiro, mas também, a fundação da cidade que construiu, pois estamos às vésperas do 36º aniversário de Brasília. E aqui, meu caro Deputado Israel Pinheiro Filho – e falo em nome de V. Ex^a e no da sua família, aqui presente –, onde fazemos as nossas vidas profissionais, porque nascemos nesta Capital ou porque somos brasilienses por opção, ou até aqueles que, modéstia à parte, têm a dupla naturalidade – mineira e candanga –, todos sentimos uma emoção muito forte ao ver que este plenário do Senado Federal, da mais alta Casa Legislativa do País, recebe, hoje, a família Israel Pinheiro, a família Kubitschek e pioneiros, muitos dos quais conviveram com Juscelino e com Israel naqueles três anos e dez meses históricos e heróicos da construção de Brasília.

É claro que poderíamos falar muito mais, e aqui há notáveis homens públicos mineiros que poderiam nos contar passagens fundamentais para a história política brasileira do ex-Governador Israel Pinheiro, nos anos mais difíceis do regime autoritário; do Israel Pinheiro fundador e primeiro Presidente da Vale do Rio Doce; do Israel Pinheiro Deputado Constituinte; do Israel Pinheiro que nos deixa a todos uma mensagem importante de desenvolvimento, uma visão moderna de nacionalismo, porque não era, já naquela época, um nacionalismo xenófobo.

Todos nós que vivemos em Brasília temos de reconhecer publicamente que não teria sido possível interiorizar o desenvolvimento nacional com a construção de Brasília em três anos e dez meses, não fosse, de um lado, a ousadia política e a visão extremamente clara de Israel Pinheiro, contemporâneo que foi de Juscelino Kubitschek de Oliveira. De outro lado, havia a visão empreendedora, a capacidade de trabalho e a força de realização de toda uma geração, que é o exemplo e o legado maior de Israel Pinheiro.

Srs. Governadores, esta sessão solene é também, como dizia, uma homenagem a Minas Gerais, porque foi exatamente naquele Estado, desde os Inconfidentes, até Juscelino Kubitschek, que nasceu e cresceu a idéia da construção da Capital do País no Planalto Central como forma de interiorização do desenvolvimento. Além disso, trata-se de uma homenagem a Brasília, porque esta Cidade completará 36 anos e já realiza o seu destino.

Srs. Governadores Eduardo Azeredo e Cristovam Buarque, hoje, além desta homenagem simples, como simples era Israel, devo salientar que ela vem da emoção de todos os presentes.

Esta sessão marca também um outro dado importante: abre-se hoje em Brasília, coincidindo com o centenário de nascimento de Israel Pinheiro e com o 36º aniversário de Brasília, uma exposição que se intitula *Minas Além das Gerais*. Na verdade, é um gesto importante do Governador Eduardo Azeredo de trazer a cultura mineira, bem como a experiência daquele povo a todos os Estados e às grandes cidades brasileiras.

Brasília se sente orgulhosa de receber essa exposição, Sr. Governador. Uma exposição que traz, ao mesmo tempo, a cultura mineira e um certo gosto de pão de queijo.

Recebemos essa exposição, com o carinho de quem toma café ao lado de um fogão de lenha esquentado num bule, numa cidade no interior de Minas.

Recebemos a exposição *Minas Além das Gerais* não só felizes por podermos ter contato direto com os grandes artistas, com a linha do grande pensamento poético e intelectual de Minas Gerais, mas por haver, sobretudo, um modelo de afirmação das relações históricas entre Brasília e Minas Gerais.

Ao concluir este pronunciamento, agradeço o privilégio de falar em nome do Senado Federal numa sessão importante como esta. E desejo, ainda referir-me ao 36º aniversário de Brasília, coincidindo com o ato do Governador Cristovam Buarque de criar uma comissão específica para a celebração do Centenário de Israel Pinheiro. Este aniversário, diferentemente de outros, ficará marcado por uma homenagem, que todos nós devíamos há tempo à memória e ao exemplo deixado pelo grande mineiro e brasileiro Israel Pinheiro.

E aqui, falando como mineiro, como brasileiro, em nome da geração que tem orgulho de Brasília, devo dizer ao Sr. Presidente desta Casa, aos Srs. Governadores e sobretudo à família Israel Pinheiro, que a nossa homenagem ao construtor desta cidade não se dá apenas neste ato, dá-se no culto permanente que todos fazemos da história desta cidade e da interiorização do desenvolvimento nacional, interiorização esta que não se completou ainda.

Não bastava – e isso Israel Pinheiro dizia – apenas construir Brasília, era necessário que Brasília fosse pólo de indução do desenvolvimento econômico na região Centro-Oeste brasileira. E esta é

uma tarefa que cabe ainda hoje a todos nós. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Com a palavra o nobre Deputado Bonifácio de Andrada.

O SR. BONIFÁCIO DE ANDRADA (Bloco/PPB – MG. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Srs. e Srs. Congressistas, em primeiro lugar, minhas palavras, de agradecimento a V. Exª, Sr. Presidente, por ter-me permitido falar desta tribuna, neste momento, embora tenha pedido um aparte, anteriormente quando o Regimento Interno não me dava autorização.

Rememoramos aqui a grande figura de um mineiro ilustre que foi Israel Pinheiro, que está muito presente na vida pública do Estado de Minas Gerais, de Brasília; mas sobretudo, na vida pública nacional.

Sr. Presidente, nesta oportunidade, homenagearemos os eminentes Governadores do Distrito Federal, Cristovam Buarque, e de Minas Gerais, Eduardo Azeredo, bem como o meu caro conterrâneo, Ministro José Israel Vargas e o caro colega Deputado Israel Pinheiro Filho.

O eminentíssimo Deputado Edson Soares, presença valorosa na tribuna desta Casa, traçou a biografia de Israel Pinheiro em termos bem expressivos, aliás, teílicos. S. Exª é representante daquela área do Estado que muito conviveu com Israel Pinheiro, sobretudo ao tempo em que dirigia a Vale do Rio Doce. E o eminentíssimo Senador José Roberto Arruda trouxe ao plenário desta Casa aquela palavra autorizada e emocionada do povo brasiliense.

Portanto, minhas modestas palavras, Sr. Presidente, serão apenas para relembrar de fato a figura de Israel Pinheiro, o Governador, que conheci de perto, pois àquele tempo éramos Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais e convivemos com o grande mineiro em instantes históricos, altamente significativos para a vida nacional.

Israel Pinheiro realizou em Minas – após viver a Primeira República como Prefeito, após participar da Segunda República e, depois, da República de 1946 como Líder político – uma obra de engenharia política da mais alta significação.

O Governador de Minas recebeu, naquele instante, a tarefa de implantar em nosso Estado, um Estado de vocação política por excelência, as bases da nova organização partidária, a Aliança Renovadora Nacional.

Coube a Israel Pinheiro as articulações difíceis, tormentosas, angustiosas de reunir em um mesmo partido as facções conflitantes e inquietas do antigo

PSD, da antiga UDN, dos antigos PR, PTB e de outros agrupamentos partidários estaduais.

Convivendo com o governante de Minas, pude ver de perto o quanto a sua habilidade, que muitos julgavam não existir, estava sempre presente, e de forma afirmativa, naquelas horas difíceis complexas. Ele aos poucos foi organizando a grande aliança, as grande reunificações, as movimentações difíceis dos grupos que se digladiavam e que deveriam se unificar dentro da nova agremiação política.

Mas, Israel Pinheiro, em todos os momentos, não deixava de transmitir as grandes inquietações que estavam presentes no seu cérebro que, por certo, herdou da grande figura de João Pinheiro. Ele sabia bem que as instituições políticas aperfeiçoadas seriam fundamentais para um Brasil novo, mas sentia a necessidade do desenvolvimento econômico. Ele sabia que só através da preparação das gerações para um futuro de maior riqueza para Minas e para o Brasil é que problemas altamente complexos poderiam ser superados.

Ele tinha bem consigo as lembranças da Primeira República. Falava muito, em alguns momentos em que estive com ele no Palácio da Liberdade, sobre as lutas políticas que se articularam em Minas após a Constituição de 1946. Mas devo dizer a esta Casa, como que num testemunho histórico, que Israel Pinheiro, juntamente com outros homens ilustres da sua geração, se esforçou para organizar o patamar de um novo Brasil que se pretendia em 1965. Mas, no fundo, sentíamos nas suas palavras algumas dúvidas a respeito do futuro, e hoje essas dúvidas de Israel Pinheiro estão aqui à mostra diante de uma Nação que vive horas também tormentosas, e onde o regime democrático não conseguiu, como se pretendia, a consolidação definitiva, que é o desejo de todos nós.

Sr. Presidente, por conseguinte, desta tribuna, ao construtor de Brasília, ao homem público que soube, de fato, interpretar os melhores sentimentos da sua geração, à figura de Israel Pinheiro que conheci de perto e que relembo com muita saudade, ao grande homem de Minas, sendo as homenagens em nome do povo mineiro, com a certeza de que sua presença em nossa história será sempre um marco decisivo para lutarmos em prol do desenvolvimento econômico deste País, de modo a melhorar as condições de vida daqueles mais pobres, mas, sobretudo, lutar e continuar pugnando pela definitiva consolidação do regime democrático que precisa de todos nós. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) — Como permite o Regimento da Casa, nas sessões solenes, convido o Sr. Governador de Brasília, Cristovam Buarque, a falar nessa sessão.

O SR. CRISTOVAM BUARQUE — Sr. Presidente José Sarney, a quem agradeço a honra de me permitir falar em homenagem ao grande Israel Pinheiro, Ministro Israel Vargas, Governador Eduardo Azeredo, Israel Pinheiro Filho, familiares de Israel Pinheiro — escolho aqui um representante da geração intermediária, o Sr. Ricardo Pena —, Srs. Senadores, Srs. Deputados, Sr. Embaixador da Palestina, Sr. Embaixador da Colômbia minhas senhoras e meus senhores, todos temos orgulho de diversas figuras deste País as quais foram capazes, com a genialidade que têm, de desenhar uma cidade como esta, prédios como estes, onde estamos, por exemplo agora.

Todos temos orgulho da genialidade de Juscelino Kubitschek, que conseguiu canalizar a energia deste País para o seu salto ao desenvolvimento para a construção de uma nova Capital. São figuras raras que aparecem uma vez ou outra na história de um País. Aparecem, a meu ver, com mais freqüência do que aqueles brasileiros que são capazes não apenas de traçar uma cidade com a sua genialidade, de terem a força e a competência política de canalizar as energias, mas de algo mais, de terem o poder de usar as mãos para construir aquilo que o coração diz ser um sonho e fazer do nada uma cidade nova.

Israel Pinheiro, por isso estamos hoje nesta comemoração! Israel Pinheiro teve a grandeza maior do que a dos gênios que desenham, que a dos gênios que formulam, porque ele era daqueles gênios que, além disso, constroem. Na relação com os meus colaboradores, há uma pergunta que faço cada vez que tenho uma boa idéia: quem é Israel? Não é tão difícil ter grandes idéias, não é tão difícil formulá-las para que tenham apoio político. O difícil é arranjar um Israel que transforme as idéias, a formulação política em um projeto realizado em algo concreto como é a nossa cidade. É por isso que temos que estar aqui presentes fazendo esta homenagem, homenagem a um cidadão brasileiro a um mineiro que foi capaz de ter um coração nos seus sonhos e nos sonhos que uniam a nacionalidade, mas que foi capaz, também, de transformar esse sonho do coração, usando as mãos em uma nova cidade.

Mas essas duas qualidades para mim ainda não são as mais fundamentais do grande Israel Pinheiro, há uma terceira, a coragem, aliada ao altruísmo — e não vejo uma palavra que une essas duas

qualidades –, de deixar um mandato, uma carreira política tranquila para aventurar-se na loucura de fazer uma cidade onde nada antes existia. E essa loucura – talvez seja mesmo a única palavra que uniria a coragem ao altruísmo – talvez tenha sido a maior das três grandes qualidades de Israel Pinheiro como homem público.

Hoje, gostaria de pedir a todos os brasileiros, a todos os homens públicos e a todos que estão nesta sala, que reflitam um pouco sobre essas três qualidades de Israel, sobretudo a última, um homem capaz de abdicar, de se arriscar, de tentar levar adiante sonhos que aparentemente não são viáveis.

Quero dizer – e peço desculpas por aproveitar essa homenagem, a Israel Pinheiro – que a Brasília de hoje, a nova Brasília a ser construída chama-se escola, uma escola onde caibam todos os brasileiros e toda a competência que exista hoje no mundo; uma escola que não deixe de fora nenhuma criança e que não esteja fora dos parâmetros de qualidade do mundo moderno. Hoje precisamos desesperadamente da competência de um Juscelino Kubitschek, para que a escola e a educação de uma nova Brasília canalizem todas as energias políticas. Precisamos de um Oscar Niemeyer e um Lúcio Costa capazes de desenhar essa escola.

O que mais temo é a dificuldade de encontrar um homem, uma mulher, uma pessoa, um líder político capaz de, não apenas ficar na liderança política, mas com suas mãos levar adiante o sonho de construir essa nova Brasília, a Brasília de escola para todos. Queria que lembrássemos, analisássemos e refletíssemos sobre isso, porque talvez seja essa uma das grandes obras ainda não feitas por Israel Pinheiro: a de nos fazer lembrar que existiram pessoas, neste século que termina, como Israel Pinheiro, para orgulhar nosso País. Pessoalmente tenho esperança – apesar de ser difícil – de que teremos outros Israéis no futuro do Brasil. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Obrigado a S. Ex^a, o Sr. Governador de Brasília.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Concedo a palavra ao Sr. Governador de Minas Gerais, José Eduardo Azeredo.

O SR. JOSÉ EDUARDO AZEREDO – Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador José Sarney, Sr. Governador de Brasília, Cristovam Buarque, Sr. Ministro, José Israel Vargas, prezado Israel Pinheiro Filho; ex-Vice-Governadora de Brasília, Márcia Kubitschek; Srs e Srs, Congressistas; minhas senhoras e meus senhores, Minas Gerais orgulha-se muito da história dos seus políticos e de ser o esta-

do onde sempre se buscou a conciliação e a razão. Mesmo nessa luta, soubemos sempre ousar. Os mineiros têm em Israel Pinheiro o exemplo de quem buscou a razão e a conciliação, e, acima de tudo ouviu na sua coragem para poder construir Brasília, para dirigir a Vale do Rio Doce e para governar Minas Gerais num momento extremamente difícil da vida política brasileira.

O Deputado Edson Soares e o Senador José Roberto Arruda diferem aqui uma exposição sobre o que significou Israel Pinheiro. Neste ano que marca o seu centenário, pudemos iniciar, com uma missa solene na Catedral de Brasília, no dia 4 de janeiro – data em que vi pela última vez Dona Sara Kubitschek – essas homenagens que se prestam a um mineiro, brasileiro ilustre, que foi Israel Pinheiro. Hoje, orgulha-me de ter na equipe de Governo, seu filho o Deputado Israel Pinheiro. devo salientar um ponto de vida de Israel Pinheiro. Vivemos um período extremamente crítico em todo o Brasil, em que, infelizmente sempre se procura olhar mais o lado negativo do que o lado positivo das pessoas. Assim também aconteceu, com relação a Israel Pinheiro, a construção de Brasília – construída rapidamente – e não poderia ser de outro jeito. Muito se levantou contra não só Israel Pinheiro, mas também contra Juscelino Kubitschek e muitos que participaram daquela empreitada.

Israel, quando veio a falecer, estava pobre, como sua família permanece até hoje. Quero, portanto, salientar esse ponto forte que mostra o espírito da enorme maioria do servidor público, político brasileiro. Evidentemente há algumas tristes e vergonhosas exceções mas a maior parte é como foi Israel Pinheiro, homem dedicado, que soube enxergar a vida pública como uma missão e que terminou sua vida respeitado, como é respeitado hoje nesta sessão solene do Congresso Nacional.

Um dos pontos fundamentais foi, sem dúvida alguma sua dignidade e integridade pessoal. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – A Mesa do Congresso Nacional agradece ao Governador de Minas Gerais as palavras.

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – A Mesa do Congresso Nacional agradece ao Governador de Minas Gerais as palavras.

Comunica aos presentes que a seguir será inaugurada no Espaço Cultural da Câmara dos Deputados, a exposição Ex-presidentes Mineiros.

Desejo agradecer também, aos Srs. Embaixadores aos Srs. Deputados, aos Srs. Senadores, à fa-

mília Israel Pinheiro, especialmente ao Deputado Israel Pinheiro Filho, ao Sr. Governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque, ao Sr. Governador de Minas Gerais, José Eduardo Azeredo, ao Sr. Ministro da Ciência e Tecnologia, José Israel Vargas e às autoridades a honrosa presença.

Cabe-nos dizer algumas palavras.

Como Presidente do Congresso Nacional, devo olhar a floresta e não a árvore.

Os oradores que aqui falaram destacaram Israel Pinheiro como o construtor de Brasília o grande administrador da feitura da capital Federal, o Governador de Minas Gerais, cujo governo foi marcado por uma visão de modernidade, o Parlamentar que eu conheci como Presidente da Comissão de Finanças, ainda no Palácio Tiradentes, onde até se impunha à administração e ao respeito de todos pela integridade de sua conduta.

Tudo isso porém, compõe uma figura que é a maior de todas, sendo grande dentro de cada um desses aspectos. É o homem público Israel Pinheiro, que levou em permanente consideração durante toda a sua vida a missão de qualquer político, que é realizar o bem comum. Os políticos não devem, não podem ser julgados por aqueles que traíram essa missão, por aqueles que se degradaram nessa missão. Israel Pinheiro foi um homem que dedicou, toda a sua vida ao serviço público.

Estamos homenageando, ao transcurso do centenário de seu nascimento, um dos grandes homens públicos do Brasil, cuja carreira honra o Parlamento brasileiro. É preciso que se diga que este País e a nossa nacionalidade foram construídos dentro do Congresso Nacional. Aqui quando não existia imprensa nós votávamos e pensávamos nas leis e na liberdade de imprensa. Quando não existia Justiça ainda formada nós construímos o arcabouço do que seria o sistema constitucional da divisão dos três Poderes.

Ao longo da nacionalidade, no Congresso Nacional, o País foi se formando para que chegasse a ser o Brasil de hoje. E grandes homens públicos deste País passaram por esta Casa e a tiveram, como escola. Podemos citar Rodrigues Alves, Afonso pena, Tancredo Neves, Juscelino Kubitschek, Israel Pinheiro, o Presidente da República, Sr. Fernando Henrique Cardoso. Enfim, todos aqueles que se constituíram no Brasil que conduziram a Pátria, tiveram a escola do Congresso Nacional, a escola em que se constituiu esta Casa.

Falar de Israel Pinheiro e homenagear sua memória é homenagear a grande tradição dos homens públicos de Minas Gerais.

Tive o orgulho, a honra e a glória de ter convivido com uma das gerações de ouro de Minas Gerais, geração que tinha à frente Tancredo Neves, Milton Campos, Pedro Aleixo, Magalhães Pinto, José Bonifácio, Gustavo Capanema, José Maria Alckmin, Bias Fortes, Lúcio Bittencourt, Afonso Arinos, Virgílio de Mello Franco, para citar apenas uma gloriosa geração de Minas Gerais. Mas a vocação política de Minas Gerais sempre foi a vocação da unidade nacional. Não por acaso a independência nasceu em Minas Gerais. Quando se aprofunda a visão da unidade deste País, encontramos o espírito de Minas Gerais responsável por ela. E foi justamente esse espírito da conciliação que levou a que o País jamais se dividisse. Minas exercia uma regência no equilíbrio político nacional. Foi sempre essa a tradição política de Minas Gerais. Sua arte política foi a arte da conciliação na divergência dos seus homens públicos. Em Minas não ocorria o que era comum no resto do Brasil a existência de grandes caciques regionais – de Júlio de Castilho no Rio Grande do Sul, Rosa e Silva em Pernambuco – não me vou eximir de falar no meu Estado – Urbano Santos no maranhão, e tantos outros no País inteiro. Minas conseguia diluir a inteligência política em grandes personalidades que exerciam o equilíbrio que o País encontrava na distribuição de oportunidades para todos. Graças a isso o País conseguiu se manter unido ao longo do tempo. Houve apenas uma exceção em que Minas, nacionalmente, não apareceu unida na campanha civilista, saiu um homem de Minas Gerais, João Pinheiro, e ficou ao lado de Ruy Barbosa. Sendo esta uma exceção, marcaria também ela o espírito de Minas Gerais de não ficar ao largo de nenhum dos grandes movimentos cívicos brasileiros.

Hoje, nesta sessão, estamos justamente lembrando, na glória de Israel Pinheiro, a glória desta unidade, da grandeza dos homens públicos de Minas Gerais. O equilíbrio político nacional e a unidade deste País – tenho dito isto algumas vezes – passam pela continuidade da vocação que Minas tem exercido ao longo de nossa história como uma regência política para o País.

O Congresso Nacional ao lembrar a figura de Israel Pinheiro, está também lembrando a figura de um grande político, de um grande homem público da geração dos grandes políticos mineiros que transcende tudo aquilo que Israel Pinheiro fez e que foi marcante na sua personalidade.

Foi ele um inovador no Orçamento da República na tão poderosa Comissão de Finanças de onde seu Getúlio Vargas para ser candidato a Presidente do Rio Grande do Sul e, depois, à Presidência da República. Como executor, como homem de ação, ajudou Israel Pinheiro e construir a mudança da Capital.

Israel foi sempre o primeiro aluno da sua turma, na famosa Escola de Ouro Preto, e, como prêmio, visitou a Europa, num momento de grande efervescência política, em que se discutiam os princípios do socialismo e do liberalismo num momento em que o socialismo passava a ser real e tocável com sua implementação nos primeiros países centralizados.

Trouxe Israel Pinheiro, daquele tempo, a sua visão e a colocou permanentemente em todo o seu ideário político. Vamos encontrar isso no Israel Pinheiro da Companhia Vale do Rio Doce, mas vamos encontrá-lo também como defensor de a Petrobras ser uma companhia de economia mista e não somente uma companhia estatal, Israel Pinheiro, como Governador, criou a Fundação João Pinheiro, o instituto de Desenvolvimento industrial de Minas Gerais e Fundação Rural Mineira; o Instituto de Modernização da Administração Pública. Ele, já um homem de idade mas um moço nas suas idéias.

Tive a ventura da conviver com Israel Pinheiro e até posso dizer de ter sido seu amigo na Câmara dos Deputados no Rio de Janeiro, onde ele exercia,

como disse uma função extremamente importante, exemplo para todos nós. Quando visitei pela primeira vez a nova Capital, em 1958, fui recebido por ele, que me acompanhou pessoalmente na visita às obras que estavam, sendo feitas e, com a empolgação de um moço – parecia um jovem engenheiro saído da faculdade – mostrou-se todos os aspectos técnicos do que aqui então se processava. Não devo recordar isso, mas eu era um dos três membros da UDN favoráveis à mudança da Capital para Brasília, quando nosso partido ainda não apoiava. Depois tive a felicidade de ser Governador ao mesmo tempo em que o Israel Pinheiro governava Minas, o que nos obrigava a encontros constantes, quando mais de perto podia sentir sua grande e excepcional personalidade.

O Congresso Nacional nada mais faz do que cumprir com a sua finalidade ao lembrar neste instante uma das maiores figuras políticas desse País, sem dúvida um daqueles que mudaram a história recente do país nessa geração de ouro de Minas que o Brasil até hoje reverencia.

Muito obrigado a todos os presentes. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (José Sarney) – Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 12h15mim)

COMISSÃO MISTA DE PLANOS, ORÇAMENTOS PÚBLICOS E FISCALIZAÇÃO
COMPOSIÇÃO: 63 DEPUTADOS E 21 SENADORES

PRESIDENTE: SENADOR RENAN CALHEIROS – PMDB-AL
1º VICE-PRESIDENTE: DEPUTADA YEDA CRUSIUS – PSDB-RS
2º VICE-PRESIDENTE: SENADOR LUCÍDIO PORTELLA – PPR-PI
3º VICE-PRESIDENTE: DEPUTADO PAULO BERNARDO – PT-PR

RELATOR DA LEI ORÇAMENTÁRIA ANUAL: DEPUTADO IBERÉ FERREIRA – PFL-RN

SENADORES

PMDB

TITULARES

Flaviano Melo	AC-3493/94
Ronaldo Cunha Lima	PB-2421/27
Onofre Quinan	GO-3148/50
Casildo Maldaner	SC-2141/47
Carlos Bezerra	MT-2291/97
Renan Calheiros	AL-2261/67

SUPLENTES

1 – Coutinho Jorge	PA-3050/4393
2 – Gilvam Borges	AP-2151/57

PFL

Waldeck Ornelas	BA-2211/17	1 – Carlos Patrocínio	TO-4068/69
Romero Jucá	RR-2111/17	2 – Jonas Pinheiro	MT-2271/77
José Alves	SE-4055/57		
Odacir Soares	RO-3018/19		
Vilson Kleinübing	SC-2041/47		

PSDB

Pedro Piva	SP-2351/53	1 – Lúdio Coelho	MS-2381/87
Jefferson Peres	AM-3061/67		
Lúcio Alcântara			

PPB

Lucídio Portella	PI-3055/57
------------------	------------

PTB

João França	RR-3067/68
-------------	------------

PDT

Arlindo Porto	MG-2321/27
---------------	------------

PPD

Eduardo Suplicy	SP-3970
-----------------	---------

PB

Sebastião Rocha	AP-2241/47
-----------------	------------

PSB

Ademir Andrade	PA-2101/07
----------------	------------

PTD

Roberto Freire	PE-2161/67
----------------	------------

DEPUTADOS**TITULARES****SUPLENTES****PMERJ**

Silas Brasileiro	MG-3185932	1 – Albérico Filho	MA-3185554
Genésio Bernardino	MG-3185571	2 – Antônio do Valle	MG-3185503
Freire Júnior	TO-3185601	3 – Jorge Wilson	RJ-3185942
Edison Andrinó	SC-3185639	4 – Nestor Duarte	BA-3185336
Fernando Diniz	MG-3185307		
Saraiva Felipe	MG-3185429		
Hélio Rosas	SP-3185478		
João Thomé Mestrinho	AM-3185583		
Laíre Rosado	RN-3185650		
Maurício Requião	PR-3185635		
Orcino Gonçalves	GO-3185335		
Paulo Ritzel	RS-3185222		
Pinheiro Landim	CE-3185636		

Aracely de Paula	MG-3185201	1 – José Carlos Vieira	SC-3185713
Ciro Nogueira	PI-3185619	2 – Maurício Najar	SP-3185242
Osvaldo Coelho	PE-3185444	3 – Marilu Guimarães	MS-3185440
Antônio Joaquim Filho	MA-3185217	4 – Benedito de Lira ⁽⁶⁾	AL-3185215
Iberê Ferreira	RN-3185609	5 – Bonifácio de Andrade	MG-3185235
Antônio dos Santos	CE-3185406		
Murilo Pinheiro	AP-3185305		
Luiz Moreira	BA-3185729		
João Mendes ^{(1) (6)}	RJ-3185831		
Nelson Marquezelli ^{(1) (6)}	SP-3185920		
Pedrinho Abrão	GO-3185918		
Philemon Rodrigues ⁽⁵⁾	MG-3185226		
Alexandre Ceranto	PR-3185948		
Efraim Morais	PB-3185638		
Arolde de Oliveira	RJ-3185917		

Augusto Nardes	RS-3185530	1 – Célia Mendes	AC-3185615
Basílio Villani	PR-3185634	2 – Maria Valadão	GO-3185520
Felipe Mendes	PI-3185640		
José Carlos Lacerda	RJ-3185936		
Paulo Bauer	SC-3185718		
Paulo Mourão	TO-3185311		
Roberto Balestra	GO-3185262		

Arnaldo Madeira	SP-3185473	1 – Cipriano Correia	RN-3185839
Ildemar Kussler	RO-3185614	2 – Mário Negromonte	BA-3185345
Aécio Neves ⁽³⁾	MG-3185648	3 – Robério Araújo	RR-3185581
Jorge Anders	ES-3185362		
Márcio Fortes	RJ-3185346		
Pimentel Gomes	CE-3185231		
Herculano Anghinetti	MG-3185241		
Yeda Crusius	RS-3185956		

DEPUTADOS**TITULARES****SUPLENTES**

PT		PP	
Celso Daniel	SP-3185479	1 – João Paulo	SP-3185579
João Coser (Vago)	ES-3185514	2 – Paulo Rocha	PA-3185483
João Fassarella	MG-3185283		
Maria Laura	DF-3185475		
Paulo Bernardo	PR-3185379		
PP		PP	
José Janene	PR-3185608	1 – Nan Souza	MA-3185525
Augustinho Freitas	MT-3185722	2 – João Maia	AC-3185244
Márcio Reinaldo Moreira	MG-3185819		
Osvaldo Reis	TO-3185835		
PSB/PMN		PSB/PMN	
Giovanni Queiroz	PA-3185534	1 – Renan Kurtz	RS-3185810
Leonel Pavan	SC-3185711		
Antônio Joaquim	MT-3185829		
Sílvio Abreu	MG-3185211		
PSDB-CD		PSDB-CD	
Pedro Canedo	GO-3185611	1 – Francisco Horta	MG-3185540
Welinton Fagundes	MG-3185523		
Marquinho Chedid ⁽⁴⁾	SP-3185736		
PSB/PMN		PSB/PMN	
Gonzaga Patriota	PE-3185430	1 – Nilson Gibson ⁽²⁾	PE-3185410
Alexandre Cardoso ⁽²⁾	RJ-3185205		
CD		CD	
Sérgio Miranda	MG-3185462		

(1) Substituindo os Deputados João Mendes (T) e Nelson Marquezelli (T), em 6-9-95 – Bloco (PFL/PTB) – CD

(2) Substituindo os Deputados Nilson Gibson (T) e Alexandre Cardoso (S), em 12-9-95 – Bloco (PSB/PMN) – CD

(3) Substituindo o Deputado Flávio Arns (T), em 13-9-95 – PSDB-CD

(4) Substituindo o Deputado José Egydio (T), em 14-9-95 – Bloco (PL/PSD/PSC) – CD

(5) Substituindo o Deputado José Rezende (T), em 14-9-95 – Bloco (PFL/PTB) – CD

(6) Substituindo os Deputados Albérico Cordeiro (T), Nelson Marquezelli (T) e Vilmar Rocha (S), em 14-9-95 – (PFL/PTB) – CD

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

SESSÃO CONJUNTA

PREÇO DE ASSINATURA

SEMESTRAL

Assinatura s/ o porte.....	R\$31,00
Porte do Correio	R\$ 96,60
Assinatura c/porte	<u>R\$ 127,60 (cada)</u>
Valor do número avulso	R\$ 0,30

Os pedidos devem ser acompanhados de cheque pagável em Brasília, Nota de Empenho ou Ordem de Pagamento pela Caixa Econômica Federal – Agência 1386 – PAB-CEGRAF, conta corrente nº 920001-2 e/ou pelo Banco do Brasil – Agência 0452-9 – CENTRAL, conta corrente nº 55560204/4, a favor do

CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

Praça dos Três Poderes – Brasília – DF
CEP: 70160-900

Maiores informações pelos Telefones (061) 311-3738 e 311-3728 na Supervisão de Assinaturas e Distribuição de Publicações – Coordenação de Atendimento ao Usuário.

Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal

REVISTA DE INFORMAÇÃO LEGISLATIVA

nº 126 · abril/junho - 1995

Leia neste número:

Uma visão crítica do Direito – André Franco Montoro

Processo orçamentário federal: problemas, causas e indicativos de solução – Osvaldo Maldonado Sanches

Expropriação dos bens utilizados para fins de tráfico ilícito de entorpecentes – Edilson Pereira Nobre Júnior

Ministério Público do Trabalho: prerrogativas do ofício são comunicáveis à sua atuação como parte? –

José Pitas

Barreira legal nos sistemas eleitorais proporcionais – Ricardo Rodrigues

A imunidade dos fundos de pensão e o mercado de capitais – Arnold Wald

Pena sem prisão: prestação de serviços à comunidade – Fernando da Costa Tourinho Neto

O recurso especial e as decisões interlocutórias desafiadoras por agravio de instrumento – Demócrata

Ramos Reinaldo

Consulta e parecer – René Ariel Dotti

A exonerarão tributária dos aposentados e pensionistas – Oswaldo Othon de Pontes Saraiva Filho

Evolução do Direito Constitucional brasileiro e o controle de constitucionalidade da lei – Gilmar Ferreira Mendes

Considerações acerca da constitucionalidade na expedição de medidas provisórias versando matéria orçamentária pública (Nota técnica nº 1/95) – Robison Gonçalves de Castro

Requisitos para Ministro e Conselheiro de Tribunal de Contas – Jorge Ulisses Jacoby Fenandes

Os princípios informadores do contrato de compra e venda internacional na Convenção de Viena de 1980 – Judith Martins-Costa

A defesa da concorrência no Mercosul – José Matias Pereira

Ônus sucumbenciais. Situações controvertidas. – Élio Wanderley de Siqueira Filho

Das Disposições Constitucionais Transitórias (uma redução teórica) – Ivo Dantas

Notas sobre a exegese do artigo 102, I, n, da Constituição Federal – Antônio Vital Ramos de Vasconcelos

O civilista Arnoldo Wald – Fernando Whitaker da Cunha

Derecho penal como tecnologia social (Notas sobre las contradicciones del sistema penal) – Juan Marcos Rivero Sanchez

Da codificação à lei civil brasileira – Fernando Braga

O direito eleitoral português – Jorge Miranda

Licitação: pontos polêmicos – Toshio Mukai

A intervenção do Estado brasileiro e a política oligárquica na república velha – Maria Elizabeth Guimaraes Teixeira Rocha

Biblioteca e constituição – Sueli Angelica do Amaral

O princípio da responsabilidade objetiva do Estado e a teoria do risco administrativo – Hélio Taveira Torres

A legitimação do Parlamento para função fiscal – Iris Eliete Teixeira Neves de Pinho Tavares

Liderança: uma nova visão – Tânia Mara Botelho

Agamennon Magalhães. O estadista do social, o administrador, o pensamento político – Jarbas Maranhão

Da Jurisprudência como ciência comprensiva. A dialética do compreender mediante o interpretar – Miracy Barbosa de Sousa Gustin

ASSINATURA DA REVISTA DE INFORMAÇÃO LEGISLATIVA

Números 125 a 128: R\$ 50,00

Os pedidos deverão ser acompanhados de cheque nominal à Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal ou de vale postal remetido à agência APT-Senado. Neste valor já estão incluídos os preços postais referentes à remessa através da ECT.

Nome:

Endereço:

Cidade: UF: Telefone: Fax: Telex:

Data: Assinatura:

Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal

REVISTA DE INFORMAÇÃO LEGISLATIVA
nº 127 · Julho/setembro - 1995

Leia neste número:

- Direitos e garantias fundamentais – Josaphat Marinho
A introdução da Lex Mercatoria no Brasil e a criação de uma nova dogmática – Arnoldo Wald
Justiça Militar: por que sim e por que não? Competência – Álvaro Lazzarini
A Constituição e a educação brasileira – Edivaldo M. Boaventura
A função judicante do Poder Legislativo no Brasil – Paulo Lopo Saraiva
Direito à moradia – Sérgio Sérvelo da Cunha
Dos efeitos da falência decretada no estrangeiro – Edilson Pereira Nobre Júnior
Apropriação indébita em matéria tributária – Carlos Alberto da Costa Dias
A incidência da Cofins sobre o faturamento de empresas de incorporação de venda de imóveis – Oswaldo Othon de Pontes Saraiva Filho
A união estável e a Lei nº 8.971, de 29 de dezembro de 1994 – Otte Eduardo Vizeu Gil
Defesa de direitos coletivos e defesa coletiva de direitos – Teori Albino Zavascki
Revisão do decênio da Reforma Penal (1985-1995). Considerações sobre a “Execução Provisória da Sentença Penal” – Maurício Kuehne
A contribuição da Justiça Eleitoral para o aperfeiçoamento da democracia – José Augusto Delgado
Uma leitura jurídica da prostituição infantil – Josiane Rose Petry Veronese
Contratação direta: dispensa de licitação com base no art. 24, inc. VIII, da Lei nº 8.666/93 – Jorge Ulisses J. Fernandes
Empresa agrária e estabelecimento agrário – Fábio Maria de Mattia
Neoliberalismo e desadministrativização – Gladston Mamede
Prestação de contas – instrumento de transparência da Administração – Flávio Sátiro Fernandes
Regimes de concorrência e políticas de concorrência na América Latina: o caso do Mercosul – José Matias Pereira
A evolução jurisprudencial dos sistemas regionais internacionais de proteção aos direitos humanos – Jete Jane Fiorati
Contribuições sociais: a certidão positiva de débito com efeito de negativa em face do § 3º do art. 195 da Constituição Federal – Fabiana de Menezes Soares
Invalidação “ex officio” dos atos administrativos pelo juiz – José Américo A. Costa
A discricionariedade administrativa e o controle judicial de seus limites – Amandino Teixeira Nunes Júnior
O contrato com cláusula de risco para exploração de petróleo no Brasil – Thadeu Andrade da Cunha
A Corte Internacional de Justiça e o caso Estados Unidos - Nicarágua – Fredys Orlando Soto
Lei sobre o Tribunal Constitucional Federal Alemão. (Lei do Tribunal Constitucional Federal) – Luís Afonso Heck
IX Congresso Latino-Americano de Direito Romano (Jalapa-México). Romanismo e indigenismo dos juristas latino-americanos – Sílvio Meira
A Responsabilidade do Estado-Juiz – Rogério Marinho Leite Chaves
Da correção monetária dos débitos judiciais trabalhistas – José Pitas

ASSINATURA DA REVISTA DE INFORMAÇÃO LEGILATIVA

Números 125 a 128: R\$ 50,00

Os pedidos deverão ser acompanhados de cheque nominal à Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal ou de vale postal remetido à agência APT-Senado. Neste valor já estão incluídos os preços postais referentes à remessa através da ECT.

Nome:

Endereço:

Cidade: UF: Telefone: Fax: Telex:

Data: Assinatura:

Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal

Novas Publicações

ALBERTO PASQUALINI - R\$ 25,00 A COLEÇÃO

Obra Social & Política

ANTEPROJETOS DO CÓDIGO CIVIL - R\$ 10,00 A COLEÇÃO

Edição de 1989 - 6 volumes

CANUDOS E OUTROS TEMAS - R\$ 5,00

Euclides da Cunha - Edição de 1994

CONSTITUIÇÕES ESTADUAIS - R\$ 8,00 A COLEÇÃO

Edição de 1989 - Coleção com 5 volumes

CONSTITUIÇÃO DE 1988 - R\$ 5,00

Edição atualizada em 1994, contendo as Emendas Constitucionais e as Emendas Constitucionais de Revisão.

CONSTITUTION DE LA RÉPUBLIQUE FÉDÉRATIVE DU BRÉSIL - R\$ 3,00

Edição atualizada em 1994, contendo as Emendas Constitucionais e as Emendas Constitucionais de Revisão.

CONSTITUTION OF THE FEDERATIVE REPUBLIC OF BRAZIL - R\$ 3,00

Edição atualizada em 1994, contendo as Emendas Constitucionais e as Emendas Constitucionais de Revisão.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - R\$ 4,00

Edição de 1995 - Lei 8.069, alterações da Lei 8.242 e Legislação Correlata

GUIA DAS ELEIÇÕES DE 1994 - R\$ 2,00

Edição de 1994. Comentários à Lei 8.713/93 e informações complementares

LEGISLAÇÃO INDIGENISTA - R\$ 3,00

Edição de 1993. Coletânea de textos jurídicos e legislação correlata relativos aos direitos indígenas.

LICITAÇÕES, CONCESSÕES E PERMISSÕES NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA - R\$ 4,00

Edição de 1995. Leis 8.666/93, 8.883/94, 8.897/95, texto da Constituição Federal sobre matéria e Legislação Complementar.

RELATORIA DA REVISÃO CONSTITUCIONAL - R\$ 30,00 a coleção

Edição de 1994. Série com 3 volumes - Pareceres produzidos (histórico)

REGIME JURÍDICO ÚNICO E LEGISLAÇÃO COMPLEMENTAR - R\$ 4,00

Edição de 1995. Dispõe sobre o Regime Jurídico Único dos Servidores Públicos Civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais e Legislação Complementar.

Pedidos à

Subsecretaria de Edições Técnicas – Senado Federal. Praça dos Três Poderes, Via N-2, Unidade de Apoio III (ao lado do CEGRAF, parte interna à esquerda do estacionamento do SF). CEP 70165-900. Brasília – DF - Telefones: (061) 311-4258 e 7333 Telex: (061) 1357



EDIÇÃO DE HOJE: 24 PÁGINAS